

Relação Pessoal: Liberdade, Amor E Mistério¹

Personal Relationship: Freedom, Love And Mystery

Prof. Dr. Michele D'Ambra

Docente di Storia e Filosofia, Liceo Classico – Termoli²

RESUMO

O objetivo do presente artigo é identificar e descrever elementos fundamentais da relação pessoal, particularmente entre seres humanos. Após breve análise histórica e delimitação da perspectiva antropológica em questão, são descritos e analisados liberdade, amor e mistério como elementos que caracterizam a relação humana. A principal referência é a antropologia filosófica de Edith Stein, embora o artigo inclua referências à filosofia moderna e contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Relação humana; Individualidade; Liberdade; Amor

ABSTRACT

The objective of the article that we submit is to identify and describe the fundamental elements of personal relationship, in particular that of humans. After a brief historical analysis and indication of the anthropological perspective from which the analysis flows, the elements that characterize human relationship: freedom, love, and mystery, are described and analysed. The principle reference point is the anthropology of Edith Stein, though the article is not without references to modern and contemporary philosophy.

KEY-WORDS

Human relationship; Individuality; Freedom; Love

¹ Tradução do italiano de Prof. Dr. Miguel Mahfoud (UFMG).

² E-mail: mdambr63@gmail.com

INTRODUÇÃO

Em uma de suas obras dramáticas, Karol Wojtyła apresenta uma magnífica descrição poética do mistério do ser humano, tomada aqui como introdução ao tema do presente trabalho:

Ah, esse peso próprio do homem!
Essas brechas, essa floresta escura, esse abismo, essas aderências,
essas difíceis renúncias do pensamento e do coração!
E no meio de tudo isso, a liberdade, às vezes até uma explosão de
liberdade.
Uma explosão... numa floresta escura.
E, no meio de tudo isto, o amor, brotando dessa liberdade como uma
fonte da terra.
Eis o homem!
Ele não é transparente, nem monumental, nem simples, antes
indigente.
Eis um homem, dois, quatro, cem, um milhão!
Multiplica tudo isto por ti mesmo - multiplica a tua grandeza por tua
fraqueza - e terás o fator da humanidade, o fator da vida humana.
(WOJTYŁA, 1991, p. 32)

41

Com a presente contribuição, buscamos identificar e descrever elementos constitutivos da relação pessoal, particularmente entre seres humanos. Para tanto, tomaremos como referência análises de Edith Stein nas obras em que ela aprofundou sua visão de pessoa humana.

O século passado testemunhou um florescimento de estudos sobre relação pessoal. Colocando-a no centro da reflexão, pensadores - como Buber, Ebner, Mounier, Marcel - e correntes filosóficas evidenciaram a natureza essencialmente dialógica do ser humano e buscaram redefinir limites e possibilidades de uma comunicação autêntica entre as pessoas, tendo em vista a construção de uma convivência civil e pacífica entre os povos.

Em paralelo, encontramos reflexões dos que viram o caráter social do ser humano como sua condenação mais penosa. As correntes laicistas do existencialismo - com Heidegger e Sartre - enfocaram a impossibilidade de relações verdadeiras com a realidade: "Minhas mãos: a inapreciável distância que me revela as coisas e delas me separa para sempre" (SARTRE, 2005, p. 298-299).

A partir dos últimos anos do século XX, a reflexão sobre pessoa humana concentrou-se em seus aspectos psicológicos e sociológicos: As análises apresentaram certa fragilidade na maneira de entender a relação humana, uma vez que derivada de uma visão antropológica "fraca", segundo a qual seria difícil ou mesmo impossível evidenciar uma única natureza específica do ser humano. Pensemos na visão de ser humano advinda do niilismo de Nietzsche e Heidegger e que, na Itália, deu origem ao "pensamento fraco" com sua expressão mais completa em Gianni Vattimo.

Assim, com o subjetivismo e relativismo antropológico, encontramos uma visão da relação pessoal que coloca em evidência exclusivamente o caráter cínico ou sentimental, tornando impossível, de fato, a identificação de seu valor autêntico.

Por isso, em nossa presente reflexão buscamos evidenciar e descrever os elementos constitutivos de uma relação autêntica a partir de uma visão de ser humano em que sejam identificáveis seus traços essenciais.

1 PESSOA HUMANA COMO SER RELACIONAL: INDIVIDUALIDADE INVOLÁVEL E NATURAL ABERTURA AO OUTRO

Em uma obra redigida para um curso de antropologia filosófica ministrado no Instituto de Pedagogia Científica de Münster, Edith Stein escreve:

Considerar um indivíduo humano como isolado é uma abstração. A existência de um ser humano é existência de um mundo: sua vida dá-se em comunidade. E não são relações exteriores que se agregariam a um ser existente por si mesmo e para si mesmo: estar inserido – como membro – em uma totalidade mais ampla faz parte da estrutura do ser humano (STEIN, 2013, p. 185) [Tradução nossa].

Desde o início de sua existência, o ser humano é marcado uma dúplici realidade: sua individualidade *invólável* e sua natural abertura ao outro. Desde o primeiro instante de sua existência, ele é chamado a viver uma relação com o que o circunda e, sobretudo, com outros seres humanos. Ele vive sua existência em uma dimensão social. O seu ser é, por natureza, relacional.

2 ESTRUTURA DA PESSOA HUMANA

O ponto de partida de nossa investigação, então, só pode ser a identificação da estrutura pessoal pela qual cada ser humano é constituído. O ser humano se manifesta como ponto no qual encontramos a síntese de todos os elementos constitutivos da realidade. Ele apresenta uma estrutura estratiforme cuja complexidade é devida à articulação e à interação entre os elementos que a constituem.

Edith Stein identifica no ser humano a presença de vários elementos constitutivos: o corpo material, o corpo vivo, a alma e o espírito. Eles contribuem a identificar sua natureza e as modalidades de atuação dessa natureza na existência.

As análises de Stein permitem fazer o percurso desde a realidade inorgânica à orgânica e, nessa última, distinguir os vários estratos constitutivos - vegetal e animal - até chegar a seus níveis mais elevados, nos quais a presença do elemento espiritual determina a passagem à dimensão pessoal. E é justamente nesse nível que podemos falar de relação na sua dimensão mais autêntica.

O ser humano está radicalmente imerso em sua individualidade mas, com igual radicalidade, ele está também aberto à relação com o que não pertence à sua individualidade e que pode, por isso, contribuir ao seu crescimento. Somos, então, imediatamente colocados diante da peculiaridade da relação pessoal: ela nunca pode ser identificada com fusão ou mistura impessoal e indiferenciada dos elementos que, estando juntos, perdessem sua peculiaridade. Nenhuma forma de panteísmo relacional pode ser ali admitida e nem mesmo a possibilidade de uniões geradas por *vago sentimento* de solidariedade.

A relação é possibilitada somente pelo que acontece no núcleo mais profundo do próprio ser pessoal, radicalmente marcado pela individualidade.

3 RELAÇÃO PESSOAL

3.1 PRIMEIRO OLHAR SOBRE A RELAÇÃO PESSOAL

A relação com o outro, assim como a inteira realidade do próprio ser, é dada. Encontramo-nos implicados nela. Na maioria das vezes não escolhemos entrar em relação com algo: coisas, pessoas ou mesmo com Deus.

Ao começar existir e entrar em relação com o que nos rodeia, somos colocados em uma realidade sem que a tenhamos escolhido: somos chamados a estabelecer relacionamento com ela. Esse dado de fato - não determinável - solicita uma tomada de posição radical: aceitar entrar em relação com o que nos é dado para ser vivido ou, ao contrário, refutar continuamente, ao longo da própria existência, empenhando toda energia nisso.

Que sejamos colocados na realidade, ou “jogados” nela - no dizer de Heidegger (2015) em *Ser e tempo* -, pode ser sentido como uma violência; a presença de algo que constitui nosso próprio mundo pode ser vista como aborrecimento; o relacionamento com outros seres humanos pode ser visto como o mal mais radical de nossa existência: o inferno são os outros (SARTRE, 2007).

O primeiro elemento determinante de uma relação autêntica é, então, uma *livre* escolha: a de acolher o ser que, constantemente doado a nós, se constitui como valor para nós próprios e para o outro.

Não podemos viver uma relação autêntica sem aceitar o fato de que a origem dela é a gratuidade total do dado.

Como deve ser entendida essa gratuidade? Também nesse caso somos colocados diante de uma alternativa: ela é sinal do amor infinito de um Ser que, livremente, escolhe criar tudo o que existe - e assim podemos desfrutar a relação com Ele - ou aquela gratuidade é sinal de um também infinito ódio de algum ser divino maléfico que se diverte jogando com o que criou, até destruí-lo por capricho. Fica claro que o desenvolvimento da própria existência depende dessa escolha fundamental.

3.2 LIBERDADE COMO CONDIÇÃO PARA O RELACIONAMENTO

Condição imprescindível para o acontecimento de um relacionamento autêntico é a *liberdade*. Não pode haver vínculo autêntico sem uma livre escolha como fundamento.

Como entender essa liberdade?

Em diversas ocasiões e contextos Stein aborda o tema liberdade descrevendo suas várias modalidades, segundo as diferentes “formas de vida” vivenciadas pela pessoa humana: a *natural-espontânea*, a *senhora de si mesma* e a *libertada*.

Na forma de vida natural-espontânea a alma está sujeita a “uma contínua alternância de *impressões e reações*” (STEIN, 1997, p. 51) [Tradução nossa]. Imersa em um mundo, a alma recebe impressões dele e reage, tomando posição segundo sua própria natureza: uma atividade *passiva*, pois o sujeito submetido a essas reações não possui a si mesmo, sendo movido desde fora. Trata-se de um comportamento *não livre*.

Stein contrapõe a forma de vida natural-espontânea à vida *libertada*. Esta é caracterizada pelo fato de que a alma “não vem a ser movida desde fora, mas *guiada desde o alto*” (STEIN, 1997, p. 52) [Tradução nossa].

Nessa forma de vida a liberdade é, antes de mais nada, uma atividade passiva mediante a qual a alma é tirada do jogo espontâneo e instintivo das impressões e reações. Porém, ela não pode se retirar autonomamente daquele jogo: necessita de um vínculo que lhe permita livrar-se do mecanismo natural.

Chegamos, assim, ao nível da existência que pode ser qualificado como *pessoal*. De fato, a atividade de percepção das impressões e de resposta a elas é vivida pela pessoa a partir de um centro, um núcleo presente na alma. A vida conduzida a partir daquele núcleo pode retirar – em certa medida – o ser humano do mecanismo natural das impressões e reações. A pessoa *senhora de si mesma* “pode (não necessariamente) receber daquele centro as impressões da alma [...] e dali derivam as reações às impressões” (STEIN, 1997, p. 56) [Tradução nossa]. Todavia, isso não elimina a possibilidade de atolar no estado animal quando ela fizer mal uso da própria liberdade.

Chegamos, assim, à forma de existência em que há liberdade em sua plena realização: viver segundo a Graça. Essa forma de vida começa com um ato livre de dedicação de si a uma realidade espiritual que transcenda a natureza.

Tal submissão pode se dar de modo direto ou indireto.

O *abandono* – total e gratuita doação de si – é o ato mais livre da liberdade. Com essa expressão, tocamos o coração da reflexão de Edith Stein sobre liberdade. Não há como sermos livres sem reconhecer o primado da Graça; todavia, ela não pode agir sem consentimento ativo, em razão da própria liberdade. Até mesmo a liberdade de Deus, onipotente, parece encontrar um limite na liberdade do ser humano. A Graça não pode salvar sem a disponibilidade de quem precisa ser salvo: com astúcia, atrai a alma a Si para conduzi-la à salvação. A liberdade humana não pode ser destruída, mas a onipotência divina pode conquistá-la e, assim, elevá-la acima do plano natural.

Fica claro, então, que não se pode falar em liberdade sem considerar o relacionamento originário do qual o ser humano recebe o ser, e do qual pode aprender a abordar os outros vínculos que lhe são dados ao longo de sua existência.

A liberdade humana é finita e revela a intersecção de duas polaridades: a capacidade de ser senhor de si mesmo e a de aderir ao que foi estabelecido pela vontade divina. *Livremente* doou a liberdade para a pessoa a fim de acompanhá-la no caminho de realização de sua existência. A capacidade humana de ser senhor de si mesmo se completa em uma adesão à liberdade de Deus que liberta a pessoa das algemas da própria instintividade, predispondo-a a acolher amorosamente o que Ele estabeleceu para ela. Assim, a liberdade humana pode encontrar sua plena realização na liberdade divina:

O direito de autodeterminação é propriedade inalienável da alma. Trata-se do grande mistério da liberdade pessoal que é respeitado até pelo próprio Deus – apenas pela oferta generosa de amor, por parte dos espíritos criados, é que Deus quer dominá-los. Ele conhece os “pensamentos do coração”, penetra os mais profundos abismos da alma onde nem ela pode penetrar sem iluminação divina: entretanto, Deus não quer dela se apoderar sem que ela o consinta. Por outro lado, fará de tudo para conseguir a livre entrega da vontade da alma a Ele, como presente de amor, a fim de conduzi-la à união beatífica (STEIN, 1988, p. 135).

45

Ser si mesmo (desde o íntimo mais profundo) leva a uma abertura para com outro ser, aquele que quer tomar posse de sua alma para preenchê-la do bem a que está destinada, daquele bem que ela tanto deseja sem ter como conquistar por sua própria força.

3.3 AMOR COMO DOAÇÃO DE SI, FONTE DA RELAÇÃO AUTÊNTICA

Através da liberdade, o ser humano pode doar si mesmo a outra pessoa, entrando em relação com a realidade justamente a partir dessa entrega ao outro.

Como pode o ser humano – fortemente definido por sua individualidade – entrar em relação autêntica e profícua com outro sem nada perder dessa individualidade? Em outras palavras, como amar, oferecendo-se a outro, sem perder a si mesmo?

3.3.1 Hegel: a dialética senhor-escravo

Em *Fenomenologia do espírito* (na seção A do capítulo sobre autoconsciência) Hegel (2015) versa sobre o problema aqui proposto, introduzindo a dialética *senhor-escravo* e mostrando a dificuldade de pensar em termos positivos a relação que se instaura entre dois seres cômicos de si mesmos.

De fato, o encontro-choque entre duas autoconsciências só pode levar a submissão de uma à outra. E, por outro lado, quando uma autoconsciência escolhe submeter-se à outra, para que não venha a sucumbir, se reapropria de si mediante o

trabalho, tornando-se senhora de quem havia escolhido estar submetida. Assim, a substância do relacionamento não muda: dá-se simplesmente a alternância de papéis ou de posições nos quais as autoconsciências se encontram; a essência da relação permanece a mesma: *alienação*. Chega-se à impossibilidade de pensar em relacionamentos que não desemboquem no conflito, no qual o aumento da força e da realização de uma pessoa necessariamente corresponderia à diminuição do valor e à progressiva anulação da outra.

As consequências desse tipo de visão, no plano filosófico e histórico, são bem conhecidas.

3.3.2 Sartre: o inferno são os outros

Também Sartre, já citado, não deixa de enfrentar aquele tema.

Em *O ser e o nada* (SARTRE, 2014) ele sustenta que a consciência individual encontra o ser não apenas na pesada e opaca realidade das coisas mas também na outra consciência. Por meio dela, tem esperança de deixar o estado de indigência. Porém, até mesmo a essência do outro é uma negação: o outro é “*o eu que não sou*”.

O relacionamento com o outro resulta, então, marcado pela negatividade. A experiência originária - pela qual se funda essa relação entre duas consciências - é dada pelo *olhar* no qual o outro aparece em um primeiro momento como coisa, depois como coisa em relação com outras e, finalmente, como outro que me olha. Com seu olhar me objetiva e me conhece de modo diferente do que posso conhecer a mim. Chego à conclusão, então, que “*sou aquele que um outro conhece*” e me sinto transformado em objeto indefeso e mudo diante do outro. Com o olhar, o outro aliena minhas possibilidades, não sou mais senhor da situação: assim, afloram as emoções de medo, pudor, vergonha, orgulho. Os relacionamentos entre eu e o outro são, então, conflituosos. As polaridades da relação assumem a forma de ódio e de amor, mas tanto o ódio (como tentativa de anular o outro na sua alteridade, reduzindo-o a corpo e instrumento, privando-o de qualquer reciprocidade) quanto o amor (como tentativa de possuir o outro sem objetivá-lo ou reduzi-lo a coisa ou instrumento) se revelam impossíveis. Naufragados os projetos de chegar à união com o outro - através de sua anulação ou da conciliação com ele -, o relacionamento pode assumir as vestes da cooperação, estando juntos no mesmo grupo ou classe social; mas, mesmo nesses casos, o outro continua inapreensível e o relacionamento entre as consciências ainda se configura como conflito.

3.3.3 Edith Stein: o olhar revela o humano

Quanto à possibilidade de entrar em relacionamento com o outro, das palavras de Edith Stein emerge outra visão, bem diferente.

Olhando um ser humano bem nos olhos, seu olhar me responde. Deixa-me penetrar em sua interioridade ou me repele. Ele é senhor de sua alma e pode fechar ou abrir suas portas. Pode sair de si mesmo e penetrar nas coisas. Quando dois seres humanos se olham, um eu está diante de outro eu. Um encontro pode se dar às portas ou na interioridade. Quando é um encontro que se dá na interioridade, o outro eu é um tu (STEIN, 2013, p. 108) [Tradução nossa].

Edith Stein adverte de modo profundo o problema da relação entre as pessoas. Desde os anos em que se tornara assistente de Husserl, ela sente necessidade de esclarecer a si mesma e ao mestre os termos da relação que os liga. Ela escreve a seu amigo e colega Roman Ingarden, no momento em que decide, com grande sofrimento, deixar o encargo recebido:

Ofereci-me para continuar em Friburg ajudando-o na redação do *Jahrbuch* e atividades semelhantes; não para trabalhar só como sua assistente, cujo sentido não está muito claro para mim. No fundo, o que não consigo suportar é ficar a disposição de alguém. Sou capaz de me colocar a serviço de uma *causa* e posso fazer qualquer coisa por amor mas, em suma, obedecer eu não posso. E se Husserl não se habituar a me considerar como colaboradora que dá a própria contribuição a uma *causa* (*Sache*) - como, aliás, eu sempre concebi nosso relacionamento e, teoricamente, ele também - então, deveremos nos separar mesmo (STEIN, 2001, p. 82, Carta n. 28 de 19/02/1918) [Tradução nossa].

Dessas palavras emerge a clara consciência de que o ser humano não pode viver sem doar si mesmo a um outro, mas isso não pode acontecer com perda do próprio ser profundo.

Então, Stein responde à questão aqui proposta iniciando pela consideração dos relacionamentos que os seres humanos estabelecem com outras pessoas.

Em *Estrutura ôntica da pessoa e o problema de seu conhecimento* (na primeira parte) Edith Stein (1997) abordou o tema da liberdade e da relação com a Graça, enfocando outro elemento essencial de uma relação autêntica: o amor como dom de si ao outro.

O ser humano, na sua existência, é chamado a estabelecer relação com o que o circunda. Como vimos, ele pode fazê-lo respondendo por reações naturais aos estímulos que provêm do exterior, sem que nisso esteja implicada uma tomada de posição quanto ao que o move desde fora. Pode também tomar uma posição frente à realidade a partir da própria racionalidade e ainda ficar sujeito às leis que a regulam. Pode ainda, no entanto, agir de maneira *livre*.

Agir de modo livre significa elevar-se acima da natureza e, ao mesmo tempo, escolher se dedicar a uma realidade espiritual que possa salvaguardá-lo de recaídas. A liberdade, como senhorio de si mesmo, nunca pode se dar plenamente sem ser sustentada por uma realidade que a impeça de ficar atolada no âmbito da natureza. Eis porque é indispensável ao ser humano escolher dar de si mesmo a um ser que possa defendê-lo do mecanismo restrito às dimensões corporal e psíquica.

Então, o sentido da liberdade é permitir á pessoa humana vincular-se a alguém que, paradoxalmente, possa salvá-la de si mesma. Esse vínculo é o amor. Se ele não acontece, a pessoa perde a própria força vital, esvazia-se e consome o próprio ser sem poder encontrar nutrição necessária para continuar a existir.

O modo como esse vínculo se realiza é, então fundamental.

Considerando o vínculo que o ser humano pode estabelecer com uma realidade espiritual que demonstra senhorio quanto a determinado âmbito, ou reino, Stein afirma:

A alma pode encontrar a si mesma e sua paz somente em um reino cujo senhor a busque não por amor próprio mas por amor a ela. Nós o denominamos de reino da Graça por ser plenitude que transborda e se doa, e não deseja possuir. E o chamamos de reino dos céus por sermos tomados e elevados (STEIN, 1997, p. 61) [Tradução nossa].

Com sua liberdade, o ser humano pode escolher doar-se a um espírito que quer apenas tomar posse de sua alma. O resultado desse vínculo é uma completa escravidão, levando a um aniquilamento do próprio ser, porque ele escolheu amar um ser que tem somente si mesmo como centro de interesse. Assim, uma pessoa acaba por *destruir aquilo que ama* - como já afirmava a trilha sonora de um filme dos anos oitenta.³

De fato, um amor a um ser que deseja unicamente a posse da alma que a ele se devotou resulta num completo esvaziamento dela, levando a sua aniquilação. Quem busca a alma para possuí-la não ama; odeia. A esse respeito, Stein observa:

O ódio é reação específica do mal, ou melhor, o específico ato espiritual através do qual o mal emana sua essência material; e o faz, necessariamente. O mal é um fogo que consome. Se permanecesse em si mesmo, consumiria a si mesmo. Por isso, com eterno e inquieto desejo de sair de si mesmo, procura um lugar para dominar e se estabelecer, pondo para fora tudo o que é tomado por ele e por sua inquietude característica (STEIN, 1997, p. 66).

49

O que acontece, ao invés, no vínculo com um ser que ama com amor autêntico?

O ser humano verdadeiramente amado vivencia uma mudança em suas próprias reações naturais e adverte em si atos espirituais conformes àquele amor. Acolhe na sua alma a presença de amor, misericórdia, perdão, paz - até mesmo onde não se esperaria. A consciência e o acolhimento de um amor assim podem levar a agir de um modo que a outros pode parecer loucura.

O amor autêntico promove que o amado seja totalmente preenchido pelo senhor que se apodera de sua alma e que, ao lhe doar si mesmo, não perde nada do que doa; pelo contrário, cuida e preserva, prevenindo recaídas no mecanismo da vida natural. E, assim como o mal é comparável a um fogo que consome o outro porque não pode consumir a si mesmo, também a pessoa que ama com amor autêntico pode ser vista como fogo que arde e não consome, aquece a alma do amado e a de quem entra em relação com ela.

³ Trata-se do poema *Each man kills the thing he loves*, de Oscar Wilde, musicado por Gavin Friday e inserido como canção, interpretada por Jeanne Moreau, na trilha sonora do filme *Querelle* dirigido por Rainer Werner Fassbinder, de 1982. Eis o texto: *Each man kills the thing he loves / Each man kills the thing he loves, / by each let this be heard. / Some do it with a bitter / look, some with a flattering word. / The coward does it with a kiss, / the brave man with a sword. / Some kill their love/when they are young, / some when they are old. / Some strangle with the hands of lust, / some with the hands of gold. / the kindest use a knife because, / the dead so soon grow cold. / Some love too lit. / Some too long, / some buy and other sell. / Some do the deed with so many tears, / and some without a sigh. / for each man kills the thing he loves, / yet each man does not die.*

Podemos conhecer o modo como isso acontece somente através de testemunhos dos que viveram um abandono total.

Busquemos esclarecer agora de que modo a individualidade da pessoa pode ser preservada dentro de um vínculo com essas características.

A pessoa que acolhe em si um tipo de amor como o descrito, sem dúvida vive uma mudança radical. Um outro ser parece viver nela e, no entanto, sua individualidade não vem a ser destruída. Ela *impregna* de si mesma tudo o que entra na alma, e o que sai dela também. Stein afirma:

Essa individualidade é intangível (*intangibilis*). O que entra na alma e o que sai dela fica impregnado da individualidade. Cada alma acolhe até mesmo a Graça segundo a própria individualidade. Sua individualidade não é destruída pelo espírito de luz: une-se a ele e assim vive um novo nascimento. Então, a alma vive na mais total e pura autenticidade somente se permanecer em si mesma (STEIN, 1997, p. 68).

O vínculo com quem ama autenticamente se configura, então, como união entre pessoas que reciprocamente doam si mesmas, uma à outra, em um espaço reservado a eles, no qual a própria especificidade vem a ser exaltada ao ser doada.

Viver esse amor autêntico é uma possibilidade também para os seres humanos. Porém, sem a ajuda que provém do encontro com uma realidade que liberta dos pântanos do desejo de posse e exploração do outro, não se consegue escapar de fenômenos de dependência afetiva ou de hipostenia do desejo. Santo Agostinho indicou o amor trinitário como modelo de amor autêntico. O respeito e amor pelo outro podem nascer somente do olhar amoroso que a pessoa adverte sobre si. Ela adverte esse mesmo olhar também sobre a pessoa a quem se vê ligada. E, no momento em que não mais reconhecer aquele olhar sobre a pessoa amada, a memória e o reconhecimento daquele olhar podem fazer com que ainda ame o outro. Em uma relação amorosa, pode acontecer que não se reconheça mais o valor do outro. Só o olhar de amor que Deus tem para com ele pode torná-lo novamente evidente em toda sua verdade e valor. Creio ser esse o sentido da expressão “amai-vos como *Eu* vos amei” presente no Evangelho (Jo 15,12). Em um amor autêntico, que não se detém apenas na dimensão sentimental, a realidade do outro gera dor por continuamente requerer romper esquemas pré-fixados, sobretudo os ligados ao desejo de posse.

Então, somente doando-se ao ser que a ama com amor autêntico, a pessoa encontra si mesma plenamente. Nenhuma ameaça vinda do exterior pode vencer aquela defesa erguida por quem a ama. Sua individualidade é exaltada naquele momento em que ela escolhe albergar em si a eficácia do amor autêntico, alterando suas predisposições e reações naturais.

3.4 MISTÉRIO: PARADOXO E SOFRIMENTO

Essa realidade - sem dúvida, paradoxal - mostra toda sua verdade na experiência de uma relação fundamentada em amor autêntico. Henri De Lubac afirmou que o paradoxo

É o avesso de algo cujo direito é síntese. Mas o direito nos escapa sempre. Ainda não podemos abraçar com o olhar toda a tapeçaria que está sendo tecida com a contribuição de cada um de nós, através da própria existência. [...] O paradoxo é justamente busca ou espera da síntese; provisória expressão de uma visão sempre incompleta e, no entanto, voltada a uma plenitude (DE LUBAC, 1989, p. 43) [Tradução nossa].

O que podemos compreender sobre esse mistério do vínculo amoroso vem de descrição limitada, fragmentada, mas eficaz, por parte dos que o viveram. Dos relatos (escritos poéticos ou relatos de orientadores) emerge o vínculo indissociável entre ação do amante e disponibilidade do amado, permitindo que ela produza uma mudança eficaz em sua alma.

É paradoxal que através de um vínculo de amor autêntico a individualidade não só não vem a ser destruída e, então, perdida, mas, pelo contrário, é alimentada e nutrida com aquilo de que precisa para existir: então, salva.

Acolhendo a imagem do castelo proposta por Santa Teresa d'Ávila, Edith Stein nos oferece a imagem de uma fortaleza dentro da qual a alma encontra proteção contra os ataques de quem quer destruí-la. O amor se configura como uma muralha de defesa do local em que a pessoa pode encontrar o senhor a quem entregou sua existência, e do qual recebe todo bem e toda graça. Esse local é único, irrepetível, tornado ainda mais belo e acolhedor no momento em que está pronto para hospedar a pessoa que - devido ao amor que lhe doou - é digna de ser amada com um amor ainda maior. Todavia, este amor não deixa de gerar sofrimento. Um sofrimento que brota da consciência do próprio limite e do fato que esse limite é rompido pela presença transbordante daquele que ama. O vínculo com o amante despertando a percepção do próprio limite pode ser o ponto de partida para uma resposta de amor vivida na mais profunda liberdade. Só a disponibilidade a deixar-se conquistar por quem nos ama com um amor verdadeiro pode preparar a superação do limite. Para estar pronto a acolher essa ação é preciso, porém, ter o próprio ser nas próprias mãos. Assim, Stein afirma que "para poder se abandonar assim, ela [a alma] deve apegar-se mais fortemente, deixar-se abraçar pelo centro interior com tal força, que não possa mais perder-se. O abandono é o ato mais livre da liberdade" (STEIN, 1997, p. 72) [Tradução nossa].

A liberdade se realiza no amor. E para que o amor se afirme na doação gratuita do próprio ser, a liberdade deve atingir seu cume: a posse completa e plena de si na qual se revela, ao mesmo tempo, a abertura para com o outro. A liberdade que não

teme ser reduzida é somente aquela que deixa ao outro o reconhecimento da bondade. Deixa ser sem temer, vive para que ele tenha sua realização mais autêntica.

Deixar que seja, porém, comporta sacrifício de si.

Na última obra redigida por Edith Stein (para celebrar São João da Cruz e comentar as obras dele), comentando a “chama viva de amor”, ela afirma:

A chama da vida divina toca a alma com a delicadeza da vida divina e a fere tão intimamente que ela se desfaz em amor. Mas como ainda falar em “ferida”? A verdade é que essas feridas são “vivíssimas chamas de terno amor”, gracejos da sabedoria eterna, “labaredas de terníssimos toques, que por alguns momentos tocam a alma com o fogo de amor nunca inativo” (STEIN, 1988, p. 157).

O amor, então, arranca o ser humano de seu limite para conduzi-lo à plena realização de si e o faz com ajuda da sua própria liberdade que se torna, assim, a fenda através da qual o amante pode penetrar para iniciar sua obra de salvação.

CONCLUSÃO

Concluimos com um fragmento poético de Karol Wojtyła que exprime sinteticamente o que buscamos elucidar:

E todavia Tuavas avante o Teu plano.
Poder-se-ia afirmar que és desapiedado, no sentido que és resoluto: os Teus planos são irreversíveis. O mais estranho de tudo isso é o que aparece no fim: ou seja, que Tu não me contrarias quase nunca. Só entras com ímpeto naquilo que eu chamo de minha solidão, e estilhaças a obstinação que, em mim, se lhe vincula. Mas será mesmo verdade que entras com ímpeto? Ou quem sabe entras por uma porta que está sempre aberta. Não me criaste trancado, não me fechaste bem. A ânsia da solidão, de fato, não está no fundo, mas sempre aflora por uma fissura qualquer do meu ser, muito mais larga do que tudo quanto se poderia imaginar. É exatamente por aí que entras, e lentamente comesças a me fazer crescer por dentro.
Fazes-me crescer malgrado tudo o que eu imaginava sobre mim mesmo, e todavia em harmonia com aquilo que sou. Posso eu acaso maravilhar-me de que, dentro de mim, Tu sejas mais forte que eu? Chegarás a mim por via da criança - e dentro de mim a minha obstinação será estilhaçada. Não sobrar nada da solidão com que eu tentava opor-me a Ti - ao invés, Tu falarás profundamente. E todavia eu cessarei pouco a pouco de ter a sensação de seres Tu quem fala em mim, pouco a pouco começarei a acreditar que sou eu quem fala. Assim será enquanto o amor não começar a doer. Doerá pela sua mesma superabundância, doerá devido ao inacabamento de um “eu” num outro “eu” adorado, ou vice-versa... Mas exatamente então se

verá mais claramente que o homem não pode banir da sua consciência a palavra “meu”, mas é constrangido a caminhar para onde ela o leva. Contudo, esta palavra elimina a solidão. (WOJTYŁA, 1981, p. 97-98).

REFERÊNCIAS

- DE LUBAC, H. *Paradossi e nuovi paradossi*. Trad. Ellero Babini. Milano: Jaca Book, 1989.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia dello spirito*. Trad. Vincenzo Cicero. Milano: Bompiani 2015.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. 10 ed. Trad. Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2015.
- SARTRE, J. P. *Sursis: os caminhos da liberdade 2*. 4 ed. Trad. Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. *Entre quatro paredes*. 3 ed. Trad. Alcione Araújo e Pedro Hussak. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- _____. *L'essere e il nulla*. Trad. Giuseppe Del Bo. Milano: Il Saggiatore, 2014.
- STEIN, E. *A ciência da cruz: estudo sobre São João da Cruz*. Trad. Dom Beda Kruse. São Paulo: Loyola, 1988.
- _____. La struttura ontica della persona e la problematica della sua conoscenza. In: STEIN, E. *Natura, Persona, Mistica: per una ricerca cristiana della verità*. Trad. Michele D'Ambra. Roma: Città Nuova, 1997, p. 50-113.
- _____. *Lettere a Roman Ingarden: 1917-1938*. Trad. Erika Schulze Costantini, Elio Costantini, Anna Maria Pezzella. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.
- _____. *La struttura della persona umana: corso di antropologia filosofica*. Trad. Michele D'Ambra. Roma: Città Nuova; OCD, 2013.
- WOJTYŁA, K. Considerações sobre a paternidade. In: WOJTYŁA, K. *Vigília Pascal: poesias*. Trad. Pe. Maurício Ruffier. São Paulo: Loyola, 1981, p. 93-101.
- _____. *A loja do ourives*. Trad. Dom Marcos Barbosa. In: *Cadernos de Teatro*. N. 125, 1991, p. 28-47.

Submetido: 10 de junho de 2021

Aceito: 9 de julho de 2021